



**INSTRUMENTAL  
NO  
CONSERVATÓRIO**

SALA  
DO  
CONSERVATÓRIO

PRAÇA  
DAS  
ARTES  
TEMPORADA  
2014

Instrumental no Conservatório

Sala do Conservatório

Temporada 2014



NUMA CIDADE QUE TANTO SE TRANSFORMOU NOS ÚLTIMOS 80 ANOS e que tão pouco preservou de sua história, a chegada à Sala do Conservatório, no primeiro andar do moderníssimo complexo da Praça das Artes, é sem dúvida um choque histórico.

Acredito que os músicos têm a capacidade de, ao entrar numa sala e antes de tocar a primeira nota, sentir que ali já se fez muita música boa. É como se anos e anos de apresentações históricas acabassem se infiltrando na arquitetura daquele palco e daquela plateia, aumentando nossa responsabilidade e, ao mesmo tempo, nossa vontade de deixar uma pequena camada de contribuição pessoal nesta história. Creio que o mesmo possa acontecer do ponto de vista da plateia, que antes de ouvir a primeira nota do concerto já pressente bons momentos que se passarão ali.

Este é, sem dúvida, o caso desta belíssima sala de concerto, que bem poderia estar em Viena ou outra cidade da Europa que tem por hábito preservar suas tradições. Me parece quase possível ouvir alguns ecos das inúmeras palestras que os

professores Mário de Andrade, Camargo Guarnieri e Francisco Mignone proferiram deste palco, ou mesmo ouvir as reverberações de tantos recitais de formatura de gerações e gerações de músicos que aqui se graduaram, inclusive alguns que aqui voltaram recentemente após carreira internacional consolidada para emocionadas performances na temporada de 2013, como o violonista Paulo Bellinati e a pianista Heloisa Fernandes.

Preservar a memória, dar continuidade à história e oferecer condições de excelência a nossos valiosos instrumentistas tem sido nosso maior prazer ao trabalhar nesta sala.

Quando o maestro John Neschling me convidou para ajudá-lo na curadoria da série Instrumental no Conservatório, logo estabelecemos algumas especificidades. Primeiro a sala, que com seu pé-direito alto e seu chão de madeira promovem uma reverberação que ajuda a 'colorir' os sons, uma característica acústica excepcional para a música de câmara, portanto ideal para concertos acústicos ou minimamente amplificados. Assim decidimos por recitais de pequenas formações, o mais acústico possível, apenas com uma leve amplificação complementar que aproxima o instrumentista e sua música da plateia como num sarau.

Segundo, tentamos formar um panorama abrangente do grande momento em que vive a nossa música instrumental hoje, abraçando gêneros e gerações diversas, do choro tradicional a formações experimentais mais inusitadas, de grandes e consagrados mestres a futuros mestres em seus instrumentos, da viola caipira ao incrível piano grand concerto que habita a sala e tanto prazer tem dado aos pianistas e ao público.

O comentário recorrente de músicos e grupos que se apresentaram na temporada 2013 da série foi o de terem feito uma apresentação com aquele "algo a mais" que nos faz ir para casa mais leves, com a sensação de dever cumprido e de que todos os esforços para construir nossa carreira valeram a pena. Em suma, uma experiência especial para quem toca, assim como para quem assiste.

# A Temporada

Teco Cardoso

NOSSA TEMPORADA DE 2014 tem início com a rara aparição de um dos nossos maiores solistas, compositores e instrumentistas, Egberto Gismonti em recital solo, semiacústico, se dividindo entre o piano e o violão, fazendo em uma, aquilo em que seriam necessárias, no mínimo, duas existências e muito talento para se atingir. Uma aula aberta a todo cidadão que quer se sentir orgulhoso de ser brasileiro.

Vento em Madeira, um projeto que nasceu para interpretar as obras de uma compositora e que acabou se transformando num coletivo de compositores, experimenta e mistura as linguagens do combo de jazz com a de grupos de câmara. Amplia, dessa forma, o uso da improvisação como elemento da composição e do arranjo e desenvolve formas composicionais mais elaboradas. O quinteto, além de interpretar as composições de Léa Freire, tem em seu repertório obras de todos os integrantes. Em seu concerto na Sala do Conservatório, apresentará criações de seus 2 CDs, indicados pela crítica entre os melhores lançamentos.

O grande compositor e violonista carioca Guinga mostra sua obra em um intimista sarau ao lado do excepcional clarinetista e saxofonista Nailor Azevedo 'Proveta', com participação da cantora Mônica Salmaso. Seu belo e autoral violão de intrincadas harmonias, contrapontado pelo bom gosto sempre certo e sem excessos de Proveta, somado à pureza de lindas melodias interpretadas pela voz/instrumento de Mônica, que será mais um belo concerto dessa temporada na Praça das Artes.

Gian Corrêa mostra com seu grupo Mistura 7 porque vem sendo considerado uma brisa de novidade no choro contemporâneo paulistano. Aqui, seu violão de sete cordas é acompanhado de um pandeiro e de um muito bem arranjado quarteto de saxofones.

Um regional de choro clássico e ao mesmo tempo contemporâneo, homenageando um de nossos mais importantes compositores populares do início do século XX, Ernesto Nazareth. Este será o concerto do delicioso Papo de Anjo, formado por maestros arranjadores como Edmilson Capelupi ao violão de sete, Zé Pitoco (diretor musical de Antonio Nóbrega) ao saxofone e clarinete, somados ao som erudito-popular da elegante flauta de Daniel Allain, o cavaquinho de Getúlio Ribeiro, o violão de Lula Gama e a percussão de Betinho Sodré.

Na história do choro – essa nossa música de câmara popular de salão –, o clarinete sempre teve destaque como solista. De Abel Ferreira a Paulo Sérgio Santos e Proveta, uma série de grandes instrumentistas se envolveram com o gênero e muitos tornaram-se verdadeiros especialistas. É desta linhagem que pertence este novo talento do instrumento, Alexandre Ribeiro. Ao seu lado está Alessandro Penezzi, que também ocupa outro lugar de destaque na lista de grandes violonistas de sua geração, sendo sem dúvida um dos grandes virtuosos do instrumento hoje em São Paulo.

Hamilton de Holanda Trio é uma das formações deste solista aclamado pela crítica mundial, que vem colocando o bandolim num novo patamar. Este trio de bandolim de 10 cor-

das, baixo acústico e percussão tem eletrizado plateias pelo mundo com performances de alto virtuosismo. Dos caprichos inspirados em Paganini à obra de Chico Buarque e Baden Powell, arranjos elaborados e bem executados nos levam a uma viagem por um Brasil tradicional e ao mesmo tempo moderno.

No coração do centro de São Paulo, uma deliciosa noite com cheiro de café passado no coador e uma broa de milho quente, ao som de uma viola caipira de 10 cordas de "home que leva a sério o estudo da mardita". Noitada entrepontada de "causos" deliciosamente contados pelo compadre Paulo Freire, que vem acompanhado de baixo acústico (do mano Tuco) e de percussão criativa (do Adriano Busco) no Paulo Freire Trio. Um convite a um outro Brasil, tão perto, tão distante e tão necessário em nossos corações de hoje.

"Erudito popular e vice-versa..." é uma proposta que dá as voltas necessárias para se perder e se confundir nas linhas divi-sórias destes gêneros/estilos. Ao invés de uma ponte que visita um lado ao outro, uma música feita na própria ponte, que procura trazer o melhor destes dois universos. Um concerto para piano do compositor russo Alexander Scriabin ao lado de uma peça do pernambucano Moacir Santos, uma suíte do compositor de trilhas de cinema John Williams seguido de Villa-Lobos e Nazareth, além de composições próprias, fazem parte do repertório deste duo de piano e sopros formado por Tiago Costa e Teco Cardoso, que lança o primeiro CD neste concerto.

Um trio cujo multi-instrumentismo de seus integrantes permite que se extrapole a formação básica de piano, baixo e bateria, acrescentando flauta, cavaquinho, escaleta e violão, assim o Trio Curupira aumenta as possibilidades timbrísticas deste grupo, que pode sem dúvida ser considerado discípulo direto de nosso "campeão" Hermeto Pascoal. Ultrabrasileiros e ao mesmo tempo antenados com o mundo, o trio sugere novos caminhos a uma formação que pode sempre surpreender, ainda mais quando envolve músicos altamente criativos e sem medo de experimentar.

Mais uma receita interessante e rara, que mistura harmônicos cristalinos da sonoridade de um vibrafone à malemolência líquida de um violino. Dois dos novos grandes talentos de nossa música instrumental, lançando um CD novo nesta formação originalíssima. Ricardo Herz ao violino e Antônio Loureiro ao vibrafone prometem boas composições aliadas a grandes improvisos que com certeza resultarão em aromas e sabores muito originais.

Um excelente contrabaixista, que é também um grande arranjador e violeiro virtuoso, este é Neymar Dias, que aqui conseguiu reunir todas essas qualidades num trabalho muito original, ao lado de um quarteto de cordas igualmente original. Ao invés da formação tradicional, esta tem violino, viola, violoncelo e Neymar, que pode tanto estar ao contrabaixo acústico como ao violão ou à viola caipira, com ótimos arranjos que exploram todas essas possibilidades. Do erudito ao pop, passando pelo jazz e pela MPB em arranjos modernos, originais e interessantes.

A já clássica formação de trio de piano, contrabaixo e bateria vem este ano representada por um grupo da nova geração, que acaba de ganhar um prêmio internacional de renome no país que inventou a formação. O deliciosamente integrado Trio Corrente vem mostrar um pouco do virtuosismo que tanto tem encantado plateias e músicos mundo afora (como o saxofonista cubano Paquito de Rivera, com o qual ganharam o Grammy de Jazz Latino de 2014). As intrincadas linhas de contrabaixo, dobradas pela mão esquerda de Fabio Torres a bordo de nosso lindíssimo piano de cauda inteira, acompanhados da bateria precisa de Edu Ribeiro, prometem eletrizar a sala.

Moderna Tradição é a mais perfeita tradução da proposta musical deste grupo, que ao adicionar o acordeom e o piano ao já tradicional violão de sete cordas, bandolim e pandeiro, promove uma releitura de clássicos do repertório do choro, buscando novas soluções formais e timbrísticas, sempre com um espaço aberto à improvisações. Músicos excepcionais fazendo uma música igualmente excepcional.

Antônio Loureiro  
e  
Ricardo Herz



Hamilton  
de Holanda  
Trio



Trio  
Corrente

Teco Cardoso  
e  
Thiago Costa



Trio  
Curupira

Mônica  
Salmaso



Guinga



Nailor  
Proveta



Papo  
de Anjo



Gian  
Correa

Egberto  
Gismonti



Neymar  
Quarteto



Moderna  
Tradição

Vento em  
Madeira



Alexandre  
Ribeiro  
e  
Alessando  
Panezzi



# Temporada 2014

Quarta (09/04)  
às 20h

Egberto Gismonti Piano e Violão

Em mais de 30 anos de carreira, o multi-instrumentista e compositor Egberto Gismonti lançou dezenas de discos, além de ter colaborado e gravado com artistas de prestígio, como Charlie Haden, Pat Metheny, Jan Garbarek, Jacques Morelenbaum, John McLaughlin e Naná Vaconcelos, e ter se apresentado como solista com algumas das mais importantes orquestras de música erudita e de jazz. Intérprete virtuoso do violão, Gismonti começou curiosamente por estudos de piano e se mostrou um grande experimentalista: o choro levou-o a estudar o violão de oito cordas e a flauta; a curiosidade pela tecnologia e a influência da Europa conduziram-no aos sintetizadores; e a atração pelo folclore fizeram-no estudar a música indígena do Brasil, tendo morado por um breve período no Alto Xingu.

Nos anos 80, Gismonti recomprou os direitos sobre todas as composições de sua autoria e tornou-se um dos poucos compositores do país donos de seu próprio acervo. Sua discografia foi, então, relançada pelo seu próprio selo, Carmo. Muitos músicos têm gravado suas composições recentemente.

Quarta (23/04)  
às 20h

Vento em Madeira  
Léa Freire Flautas  
Teco Cardoso Saxofones e Flautas  
Tiago Costa Piano  
Fernando Demarco Contrabaixo Acústico  
Edu Ribeiro Bateria

Originado de uma parceria muito profícua entre os compositores Léa Freire e Teco Cardoso, iniciada na década de 70, o Vento em Madeira é um quinteto formado pelo piano elegante de Tiago Costa, que contribui também como compositor e arranjador, pelo contrabaixo preciso, fundamental e londrino de Fernando Demarco, que retorna ao Brasil após longa temporada na Europa, pela percussão polirrítmica e criativa de Edu Ribeiro, que compõe para o quinteto, e pelas flautas de Léa Freire e os saxofones e flautas de Teco Cardoso.

Em um trabalho autoral, o grupo também revisita e homenageia grandes compositores Brasileiros. O Vento em Madeira se dispõe a fazer uma música que dialoga e transita entre o popular e o erudito, entre a improvisação e a música estruturada, entre composições camerísticas e das ruas. Com um olho na tradição e outro no futuro, o grupo promove o encontro de consonâncias e dissonâncias entre elementos sutis e etéreos, como os do vento, com a sólida e enraizada estrutura da matéria, da madeira.

Quarta (07/05)  
às 20h

Guinga Violão  
Mônica Salmaso Voz  
Nailor Proveta Clarinete

Esta apresentação reúne três dos mais destacados músicos da nossa música.

Carioca da Zona Norte do Rio, Guinga foi aluno de violão clássico de Jodacil Damasceno. Começou a compor aos

16 anos e trabalhou com ícones da nossa música, como Clara Nunes, Beth Carvalho, Alaíde Costa, Cartola e João Nogueira. Teve músicas suas gravadas por Elis Regina, Michel Legrand, Sérgio Mendes, Leila Pinheiro, Chico Buarque, Clara Nunes, Ivan Lins e tantos outros. Tem uma dezena de CDs gravados.

Nascida em São Paulo, Mônica Salmaso começou a carreira em 1989. Foi indicada para o Prêmio Sharp 1997, como Revelação na categoria MPB, venceu o Segundo Prêmio Visa MPB - Edição Vocal 1999, recebeu o Prêmio da APCA em 1999 e, em 2011, lançou o CD Alma Lírica Brasileira, em trio com Teco Cardoso e Nelson Ayres, registrado em DVD em 2012, pelo qual recebeu o 24º Prêmio da Música Brasileira.

Nailor Proveta aprendeu as notas musicais antes mesmo das letras do alfabeto. Aos seis anos tocava clarinete na banda da sua cidade natal, Leme, no interior paulista, e aos 16 já integrava a orquestra do Maestro Sylvio Mazzucca. Além das apresentações com a Banda Mantiqueira, tocou com músicos como Milton Nascimento, Gal Costa, Edu Lobo, Raul Seixas, Guinga, Jane Duboc, Joyce, César Camargo Mariano, Maurício Carrilho, Yamandú Costa, Joe Williams, Anita O'Day, Bobby Short, Benny Carter, Natalie Cole, Ray Conniff, Sadao Watanabe, entre outros.

Quarta (21/05)  
às 20h

Mistura 7  
Gian Correa Violão de 7 Cordas  
Josué dos Santos Sax soprano  
Jefferson Rodrigues Saxo alto  
Jota P. Barbosa Sax tenor  
César Roversi Sax barítono  
Rafael Toledo Pandeiro

Ao invés de dividir o palco com cavaquinhos, flautas e bandolins, em Mistura 7 - nome do primeiro disco de Gian Correa, que dá nome ao ensemble -, o sete cordas dialoga com um quarteto de saxofones e um pandeiro, mantendo a bra-

silidade, mas inovando na busca por novas sonoridades, em que nenhum dos integrantes cumpre uma função fixa. Os sopros tanto desenham as melodias quanto acompanham e improvisam, tal como o sete cordas e o pandeiro, numa permanente troca de posições e conceitos.

Com composições e arranjos ousados, este projeto leva ao choro influências do jazz e da música erudita. Serão apresentadas peças do próprio violonista e também de outros músicos, como André Mehmar, Luca Raele, Enrique Menezes, Rogério Caetano, Zé Barbeiro e Edmilson Capelupi.

Quarta (04/06)  
às 20h

Papo de Anjo  
Edmilson Capelupi Violão de 7 Cordas e Arranjos  
Lula Gama Violão de 6 Cordas  
Daniel Allain Flauta e Saxofone  
Stanley Carvalho Clarinete  
Betinho Sodré Percussão  
Emilson Capelupi Violão de 7 Cordas  
Getúlio Ribeiro Cavaquinho

O Papo de Anjo tem nítida influência da linguagem musical dos grandes grupos de choro, com o excelente aproveitamento das variações de timbres possibilitadas pelos diferentes instrumentos que formam o grupo, como é perceptível nos arranjos que ouviremos nesta apresentação.

Criado em 1998 na cidade de São Paulo, fruto da união de amigos músicos profissionais apreciadores do choro, o grupo já gravou um CD e fez diversas apresentações voltadas para a divulgação desse gênero musical brasileiro.

Para Sarambeque - 150 anos de Nazareth, novo projeto do grupo dedicado ao compositor Ernesto Julio Nazareth, foram selecionadas 14 músicas do autor, algumas mundialmente reconhecidas, como Odeon e Elegantíssima, outras pouco gravadas, como Arreliado e Comigo é na Madeira.

Dentro desse universo, foram priorizadas músicas que originalmente não foram escritas para a formação instrumental, como é o caso de O alvorecer e de Gemendo, rindo e pulando. Outras , apesar de muito gravadas, foram selecionadas pela beleza e originalidade das melodias e harmonias, como em Batuque e Fon-fon.

Quarta (23/07)  
às 20h  
Alexandre Ribeiro Clarinete  
Alessandro Penezzi Violão

O violonista Alessandro Penezzi e o clarinetista Alexandre Ribeiro possuem uma rara e complexa intimidade musical, que vai além da fluência da linguagem e de suas interpretações ímpares. A amizade atravessou as fronteiras estabelecidas, em trabalhos nos quais o duo teve a oportunidade de colaborar, e fez com que surgisse de forma natural e inevitável a ideia do projeto Cordas ao Vento, nome do primeiro CD da dupla, um sucesso de público e crítica.

Com este projeto, o duo realizou shows e turnês pelo Brasil e exterior, em países como Dinamarca, Macedônia, EUA, Bélgica e Holanda, dentre outros. Durante a turnê, a apresentação na Holanda gerou um novo álbum, Ao Vivo na Bimhuis - Amsterdã, o segundo da dupla, que conta com músicas inéditas do Duo, obras do antigo CD e interpretações de grandes gênios da música brasileira. Esse último CD, lançado no Brasil e nos EUA, foi indicado ao Prêmio da Música Brasileira.

Quarta (06/08)  
às 20h  
Hamilton de Holanda Trio  
Hamilton de Holanda Bandolim de 10 cordas  
André Vasconcellos Contrabaixo Acústico  
Thiago da Serrinha Percussão

Virtuoso, brilhante e único. Estes são alguns dos adjetivos na

vida deste músico que contagia plateias em turnês por todo o mundo, construindo uma carreira de inúmeros prêmios.

No mais recente trabalho, Hamilton de Holanda Trio, percebe-se o caráter universal, comunicativo com qualquer plateia do mundo, e a essência 100% brasileira.

André Vasconcellos, de família musical, é referência no contrabaixo brasileiro. Acompanha Hamilton desde longa data e com ele construiu uma simbiose. Já o percussionista Thiago da Serrinha, criado nos morros cariocas, carrega no sangue e no nome a tradição do Jongo da Serrinha, manifestação cultural associada à cultura africana no Brasil e que influenciou poderosamente na formação do samba carioca.

Hamilton, aos 36 anos e 31 de carreira profissional, começou a tocar como um prodígio. Hoje, é um transgressor do bandolim e criador da técnica de se tocar o 10 cordas, libertando o emblemático instrumento brasileiro do legado de algumas de suas influências e gêneros, apresentando uma nova linguagem artística.

No repertório, Hamilton apresenta as suas novas composições, alguns dos Caprichos - inspirados nos Caprichos de Paganini - que foram compostos por ele para servirem de estudo ao Bandolim 10 cordas, e músicas de Chico Buarque e Baden Powell.

Quarta (20/08)  
às 20h  
Paulo Freire Trio  
Paulo Freire Viola Caipira  
Tuco Freire Contrabaixo Acústico  
Adriano Busco Percussão

Paulo Freire, junto com seu irmão, o baixista Tuco, e o percussionista Adriano Busco, criou em 2003 um trio voltado para a música brasileira experimental. Muito influenciado pela música no nordeste brasileiro, além do blues e do rock, o primeiro disco do trio tem desde uma folia de Bom Jesus

a uma canção inspirada na Guerra de Canudos, que usa um efeito similar ao que Jimi Hendrix fez na sua versão do Hino dos Estados Unidos – barulhos de bombardeio sobrepostos aos instrumentos.

Apesar de ter estudado violão erudito em Paris, Paulo Freire prefere o título de violeiro. Inspirado por Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, foi para o interior de Minas Gerais aperfeiçoar suas habilidades musicais e redescobrir (ou mesmo, descobrir) o Brasil. Muito do resultado dessa viagem e experiência está presente no seu repertório.

Quarta (03/09) às 20h Tiago Costa Piano  
Teco Cardoso Saxofone e Flautas

O pianista Tiago Costa e o flautista e saxofonista Teco Cardoso desenvolvem neste duo um repertório baseado em releituras de grandes compositores, de Villa-Lobos a John Williams, passando por Léa Freire e Ernesto Nazareth, além de algumas composições autorais, sempre buscando uma mistura entre o popular e o erudito que una o melhor desses dois universos, cada vez mais próximos.

A presença de dois intérpretes, arranjadores, compositores e improvisadores permite que as possibilidades interpretativas sejam ampliadas, na medida em que se busca o acabamento erudito na canção popular aliado ao sabor popular da canção erudita. A elaboração formal se alia às improvisações contrapontísticas e busca criar uma interpretação original e contemporânea, sempre com um espaço reservado às surpresas e ao inesperado.

Ao contrário do crossover, que pressupõe algo a ser transposto por uma ponte, um lado visitando o outro, sendo os dois universos distintos, esta é uma música que se dispõe a ser feita como a própria ponte, convidando ao diálogo o melhor dos dois mundos.

Quarta (17/09) às 20h Trio Curupira  
André Marques Piano, Escaleta, Flautas, Rabeca, Percussão e Voz  
Cleber Almeida Bateria, Percussão, Violão e Voz  
Fábio Gouvêa Baixo, Guitarra, Violão, Flautas e Percussão

O trio Curupira nasceu, em meados de 1996, de um feliz encontro de ideais e afinidades de seus integrantes: André Marques, Fábio Gouvêa e Cleber Almeida. Determinados a desenvolver um trabalho diferenciado, fruto de pesquisas musicais e culturais, o trio tem como base para suas composições música do Brasil, percorrendo vários ritmos e eliminando fronteiras entre estilos. Porém, apesar das raízes brasileiras, o trio mistura influências da música erudita, do jazz, da música árabe e do flamenco. Assim, além da variedade de influências e estilos, uma das características do trio é a enorme variedade de timbres, devido à grande troca de instrumentos usados tanto em shows quanto nas gravações: passam da formação tradicional de trio de jazz (piano, baixo e bateria) para outras, incluindo flautas, cavaquinho, guitarra, percussão, escaleta e outros instrumentos, em configurações menos comuns e de incrível sonoridade.

Quarta (01/10) às 20h Antônio Loureiro Vibrafone  
Ricardo Herz Violino

Ricardo Herz e Antonio Loureiro formam este duo de violino e vibrafone que, a pesar de extremamente incomum, harmoniza de forma justa, o que nos dá impressão dessa formação de duo ser muito mais comum do que de fato é.

Esse casamento de violino com vibrafone, improvável, ousado e inusitado, reúne dois músicos completos que, ao unirem suas vozes, criam um belo encontro de sons raramente ouvidos, provenientes do mágico amálgama das generosas sonoridades-cores resultantes.

Este feliz encontro mostra as inúmeras possibilidades desses instrumentos em composições de Loureiro e Herz, além de novos arranjos para composições de Egberto Gismonti, Guinga e Léa Freire.

No início de 2014, o duo gravou seu primeiro álbum, produzido pelo compositor André Mehmari.

Quarta (15/10)  
às 20h

Neymar Quarteto  
Neymar Dias Contrabaixo, Viola Caipira e Violão  
Vana Bock Violoncelo  
Daniel Pires Viola  
Ricardo Takarashi Violino

Fundado no início de 2004 pelo compositor Neymar Dias, o Neymar Quarteto traz o encontro de diferentes estilos musicais em um quarteto de cordas não convencional. Tradicionalmente, os quartetos são formados por dois violinos, uma viola e um violoncelo; neste quarteto de cordas entra também o contrabaixo, que figura ao lado do violoncelo, da viola e de apenas um violino. O grupo explora timbres através da substituição de instrumentos, utilizando não só o contrabaixo, mas também a viola caipira e violões nos diferentes caminhos do repertório, envolvendo o ouvinte e sugerindo a sensação de naturalidade diante do incomum. Por vezes, o contrabaixo tem papel de solista, improvisando e fazendo variações sobre temas propostos.

No primeiro álbum do quarteto, nota-se a influência tanto da música erudita moderna e contemporânea como também do jazz, de Edgar Meyer e Pat Metheny, da música folk norte-americana, indo do Missouri e do Bluegrass, e da música caipira brasileira.

Se por um lado as composições e arranjos do quarteto são música de escrita contemporânea, elaborada de maneira completa e complexa, ao serem executadas, elas soam universais, acessíveis e que transitam entre diversos estilos, conquistando a todos.

Quarta (05/11)  
às 20h

Trio Corrente  
Fábio Torres Piano  
Paulo Palleli Baixo  
Edu Ribeiro Bateria

Não foram poucas as comparações com os trios de samba jazz dos anos 60 como o Zimbo ou o Tamba Trio, mas o fato é que, aceita a muito honrosa comparação, o Trio Corrente agrega novas maneiras de encarar os standards da música brasileira. Nos últimos 11 anos, o Trio Corrente vem criando um som original, interpretando de forma única os clássicos do choro e da MPB, além de um crescente repertório autoral. Nas performances do Trio, aliam-se em um agradável equilíbrio solos virtuosísticos e momentos de rara sutileza.

Talvez almejemos reunir mundos aparentemente contraditórios como, de um lado, a síntese, a concisão da canção brasileira e, de outro, a prolixidade benigna do jazz e do choro.

A busca da beleza simétrica e perfeita das melodias e harmonias de Jobim e o experimentalismo e a liberdade de Hermeto e Coltrane. A música que aqui apresentamos não poderia ser mais sincera: ela representa nosso respeito pelo passado e nosso desejo de liberdade e criatividade.

Quarta (19/11)  
às 20h

Moderna Tradição  
Benjamin Taubkin Piano  
Guello Percussão  
Israel 7 Cordas Violão de 7 Cordas  
Izaías Bueno de Almeida Bandolim  
Lula Alencar Acordeom

Moderna Tradição, grupo voltado ao universo do choro, se reúne para elaborar e somar as visões de cada um dos participantes em relação a este gênero. A união desses instrumentistas revela a atualidade e a modernidade do choro,

que atravessou o século 20 e firma-se como um dos estilos mais importantes dentro da música brasileira. O projeto traz os cinco solistas executando obras desse universo, escritas há mais de 50 anos, em novos arranjos e com sonoridade contemporânea.

Em 2006, Moderna Tradição apresentou o projeto Homenagem a Orfeu - 50 anos do encontro de Jobim, Vinícius e Niemeyer, em São Paulo, ao lado do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, Ná Ozzetti, Mariana de Moraes, Renato Braz e José Miguel Wisnik, realizado pelo Auditório Ibirapuera.

Em 2007, o grupo se apresentou na Alemanha, no Festival de Masala, em Hannover, e no Festival de Músicas Tradicionais em Rudolstadt, que lançou um álbum com as melhores apresentações da edição do ano, incluindo uma música do Moderna Tradição. Na passagem pela Alemanha, o grupo foi convidado a fazer um especial de uma hora na Rádio WDR, uma das principais do país. No ano seguinte, o grupo participou do Festival Glatt und Verkerht, em Krems, Áustria, com ótima recepção do público, voltando, em 2009, ao palco austríaco para se apresentar ao lado do Núcleo de Música do Abaçaí.

Prefeitura do Município  
de São Paulo  
Prefeito  
Fernando Haddad  
Secretário Municipal  
de Cultura  
Juca Ferreira

Fundação Theatro  
Municipal de São Paulo  
Direção Geral  
José Luiz Herencia  
Diretora de Gestão  
Ana Flávia C. Souza Leite

Instituto Brasileiro  
de Gestão Cultural  
Presidente do Conselho  
Cláudio Jorge Willer  
Diretor Executivo  
William Nacke  
Diretora Técnica  
Isabela Galvez  
Diretor Financeiro  
Neil Amereno  
Diretor Artístico  
John Neschling  
Diretora de Produção  
Cristiane Santos  
Direitos Autorais  
Olivieri Advogados  
Associados

Design Gráfico  
Kiko Farkas/ Máquina  
Estúdio  
Designer Assistente  
Ana Lobo  
André Kavakama  
Atendimento  
Michele Alves  
Impressão  
Imprensa Oficial do  
Estado de São Paulo

## MUNICIPAL. O PALCO DE SÃO PAULO

co-realização



FUNDAÇÃO  
THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO



PREFEITURA DE  
**SÃO PAULO**  
CULTURA

**INSTITUTO////BRASILEIRO///  
DE////GESTÃO////CULTURAL**

Organização Social de Cultura do Município de São Paulo